

O uso do Whatsapp como um recurso pedagógico para o desenvolvimento do sujeito autônomo

Ediel dos Anjos Araújo
Ângelo Rodrigo Bianchini

RESUMO

A principal questão a ser pensada neste ensaio está diretamente ligada ao ensino e aprendizagem referente à disciplina de Filosofia, que apresenta várias questões que devem ser levadas em consideração, tais como: os novos interesses dos alunos, o lugar da filosofia na polis, a verificabilidade desta enquanto 'útil' e o desinteresse da comunidade estudantil pela disciplina (CERLETTI, 2009). Frente a estas questões, novas metodologias vêm sendo pesquisadas com o intuito de possibilitar que o processo de ensino e a aprendizagem se tornem mais dinâmico e interessante. O objetivo deste ensaio é avaliar a funcionalidade do WhatsApp como um recurso metodológico para o ensino de Filosofia através da perspectiva kantiana de contribuir com a formação do pensamento autônomo. Na perspectiva de Kant (1999), lançamos mão neste ensaio no que concerne à busca da autonomia, a possibilidade de interlocução entre o público e o privado. Sendo assim, compreendemos que as Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs devem possibilitar o diálogo entre os sujeitos que estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. A partir de nossos estudos, concluímos que alguns recursos apresentam maior possibilidade de interação e, conseqüentemente, maior potencial de despertar o pensamento autônomo dos discentes. No contexto atual, podemos observar que os adolescentes e jovens passam muito tempo conectado ao recurso WhatsApp, com a finalidade de trocas de vídeo, imagens, músicas entre outras mídias. Neste caso, podemos compreender que o WhatsApp é um recurso atrativo para o processo de ensino e de aprendizagem e que apresenta uma funcionalidade amplamente direcionada para a interação entre os sujeitos, ou seja, apresenta as potencialidades para um trabalho pedagógico que possibilite a interlocução entre o público e o privado e, portanto, uma educação para a formação do pensamento autônomo. No entanto, cabe ressaltar a importância do papel do professor na sistematização e intencionalidade das ações pedagógicas com o uso do recurso WhatsApp, uma vez que pelo fato de não ter sido desenvolvido para fins pedagógicos, o mesmo apresenta uma limitação no controle dos diálogos entre os sujeitos dentro de um grupo, podendo ocasionar dispersão do assunto e dificuldade de acompanhar o debate e a reflexão. Porém, entendemos que o WhatsApp apresenta as potencialidades de um recurso pedagógico para o processo de ensino e aprendizagem nas aulas de filosofia, contribuindo para a motivação e o pensamento crítico e autônomo dos alunos.

Palavras-chave: Ensino. Filosofia. Whatsapp. Tecnologias.

Introdução

Pensar acerca do ensino hoje tem sido um grande desafio para os estudiosos, pensar no ensino de filosofia as dificuldades são maiores ainda, uma vez que perpassa uma série de questões que devem ser levadas em consideração, a exemplo, os novos interesses dos alunos, o lugar da filosofia na pólis, a verificabilidade desta enquanto ‘útil’, o desinteresse da comunidade estudantil pela disciplina, uma vez que esta é colocada por muitos como desinteressante e chata.

É neste sentido que nos propomos a buscar novas estratégias, novas metodologias para deixar e fazer com que o ensino e a aprendizagem se torne mais dinâmico e interessante. Logo, neste ensaio estamos levantando alguns pressupostos para a inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no ensino de filosofia, neste caso em especial do uso do aplicativo móvel WhatsApp como recurso metodológico e pedagógico.

Sendo assim, neste ensaio suscitamos os seguintes questionamentos: o uso das TIC podem contribuir para o processo de ensino de filosofia? Seria possível aprender a filosofar a partir da mediação de um espaço virtual de aprendizagem, neste caso o uso do WhatsApp?

A partir desta inquietação acerca da identidade pedagógica e formativa do ensino da Filosofia na educação básica é que nos propomos neste ensaio avaliar o uso do aplicativo móvel WhatsApp como um recurso pedagógico que contribui para o processo motivação e autonomia discente.

As redes sociais e o uso do Whatsapp como fator motivador para o ensino-aprendizagem

O tema que julgamos pertinente ao nosso enfoque neste artigo diz respeito ao ensino da Filosofia na escola básica nacional contemporânea, considerando que estamos, hoje, para além da ágora¹ da Grécia Antiga. Temos, portanto, a resignificação do ensino de filosofia a partir, por exemplo, do uso do WhatsApp.

Atualmente, o que temos de mais próximo e vibrante dessa antiga ágora é o meio virtual, o ciberespaço, que se tornou “uma ágora eletrônica global em que a diversidade da divergência humana explode numa cacofonia de sotaques” (CASTELLS, 2003, p. 114-115). Sendo assim, podemos conceber no meio virtual um novo local de encontro que poderá tornar possível o ingresso à discussão filosófica, no qual o senso comum é modificado e o participante consegue expressar sua vontade e opinião. Gelamo (2009), no que diz respeito ao ensino de filosofia, menciona três problemas que se inter-relacionam:

- (1) O entendimento da importância do ensino da filosofia para a sociedade, para a cultura e para a formação crítica do homem; (2) a reflexão sobre os temas importantes a serem ensinados e sobre o currículo; e (3) a procura por uma metodologia do ensino da filosofia e do ensino do filosofar (GELAMO, 2009, p. 98).

O autor comenta que estas são três imagens do pensamento que permitem circunscrever a sua ortodoxia, sendo elas o espaço no qual deve estar aqueles que se dedicam a pensar o ensino da disciplina, ou seja, esses “(...) seriam os lugares-comuns a partir dos quais a Filosofia, quando pensa seu ensino, se coloca para filosofar.” (GELAMO, 2009a., p. 98)

1 “Um lugar em que cidadãos se reuniam para grandes deliberações” (GHIRALDELLI JUNIOR, 2009, p. 15-16).

Ao abordarmos a ideia de espaços diferenciados para o ensino, estudo ou exercício de filosofia, pode-se citar alguns questionamentos (JANZ, 2004, p. 105): “De onde é (melhor) que a Filosofia vem (venha)?” e “Onde tem lugar a questão sobre o direito à Filosofia?”. Essas mesmas dúvidas já foram registradas por Jacques Derrida com teor incisivo e inquisitivo:

“Começarei com a questão “onde? ”. Não diretamente com a questão “onde estamos? ”, ou “como chegamos? ”, mas “onde tem lugar a questão sobre o direito à Filosofia? ”, que pode ser imediatamente traduzida por “onde ela deveria ter lugar? ”. Onde é que ela encontra hoje o seu lugar mais apropriado? (DERRIDA apud JANZ, 2004, p.105).

Com base nas questões de Derrida (apud Janz, 2004) sobre o direito à Filosofia, onde ela deveria ter lugar e onde hoje ela encontra seu lugar mais apropriado, caracteriza-se ainda uma discussão sobre se as condições da Grécia Antiga eram ideais ao desenvolvimento da Filosofia e, ainda, se essa “*ciência*” “requer condições sociais, culturais ou políticas específicas, ou talvez um ambiente urbano, uma *polis*, para se desenvolver” (JANZ, 2004, p. 105).

Trazendo esta perspectiva para a educação, e em especial para o ensino da Filosofia na escola e o lugar que esta ocuparia entre as disciplinas, podemos dizer que não há limitações geográficas, pois, a Filosofia alcança a relação – ou seja, vive em um lugar que é de todos e têm relações com as disciplinas ditas adjacentes, indicando proximidade intelectual com aquelas que fazem parte *das humanidades*. Podemos pensar que, em razão de sua natureza abstrata e conceitual, a Filosofia pode ser tanto ensinada em sala de aula quanto na selva; em ambiente urbano ou rural; entre filósofos profissionais e não profissionais; em uma fábrica ou em uma reunião de executivos; em um país desenvolvido ou em um que esteja em desenvolvimento (JANZ, 2004) Destarte, não havendo rigidez ou conveniência em relação ao lugar no qual se desenvolve a Filosofia, a contemporaneidade vem trazendo como local de discussão o espaço cibernético, virtual. Lévy (2001) afirma:

Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferente (LÉVY, 2001, p.18).

Lévy (1997) pressupõe a virtualização como dinâmica, apontando-a como um “movimento inverso da atualização”, pois atua como mutação de identidade, nunca como uma solução; antes, atua como encaminhamento da busca da consciência em um campo problemático, caracterizando-se como um dos vetores essenciais da criação da realidade.

Em Newton, tempo e espaço ainda eram absolutos e mantinham-se em referência mútua. Einstein relativizou o tempo e o espaço, mas a relação entre um e outro permaneceu. Tendências filosóficas, sobretudo Kant, a **filosofia da vida** e a filosofia da existência, bem como muito antes, Agostinho – ainda que com grandes diferenças – haviam deslocado o tempo, transferindo-o do objeto para o sujeito, para a “existência” e a subjetividade. Em Kant, o espaço e o tempo são formas apriorísticas da intuição no âmbito da cognição sensível (KOLB, 2001, p. 16, grifo do original).

Atualmente, um assunto que ganha destaque e discussão no âmbito acadêmico é sobre as classes sem fronteiras, a ágora eletrônica, o seminário *World Wide Web*, a classe mundial e as demais metáforas que indicam que algo está acontecendo no campo da filosofia e, com maior ênfase, no ensino e na pesquisa filosófica na era do *ciberespaço*, ou seja, do meio eletrônico conhecido como *internet* (URSUA, 2006). Segundo Kolb (2001):

[...]na internet, espaço e tempo perdem sensivelmente seu significado, especialmente o espaço; no mínimo têm seu status alterado. Já não é preciso mais ir a (quase) nenhum lugar para resolver as coisas, para exercer a própria profissão, para fechar negócios, fazer conferências (KOLB, 2001, p.16).

Ao funcionar como um meio de comunicação, a internet não se traduz simplesmente como resultado do uso de ferramentas específicas, que incluem o correio, as salas de *chats* e os comentários, e sim, em razão de que tais mecanismos contribuem para desestabilizar o repositório em permanente construção. Sobre isso, Moreira (2005) ressalta:

A internet oferece todas as possibilidades com as quais nem mesmo os mais entusiastas escritores de ficção ou os utópicos sonhadores de Alexandria poderiam sonhar. A quantidade de informações é tal, que com menos de 12 anos de idade pode-se ter tido acesso a um número muito superior do que aquele que um adulto na Idade Média seria capaz de recolher durante toda a sua vida (MOREIRA, 2005, p. 60).

De acordo com Barros e Henriques (2011, p. 9), os “(...) novos ambientes virtuais de aprendizagem têm como tendência novas percepções e formatos de concepção de educação, *on line*, aberta” (grifo do original). Levando esse comentário em consideração, podemos destacar a estrutura dos novos ambientes virtuais e as implicações destes para a prática pedagógica autônoma, bem como as propostas de formação contínua para os docentes como formas de estímulo constante do aprender a aprender nas sociedades da informação e do conhecimento. Esse mesmo pensamento é afirmado por Goulão (2011, p. 77-78, grifo do original), para quem o momento é de “ensinar os estudantes a aprender – *aprender a aprender* – recorrendo a metodologias motivadoras e flexíveis, onde se integrem diferentes recursos didáticos, conteúdos dinâmicos e interativos”.

Sendo assim, neste trabalho buscamos realizar uma reflexão acerca do uso do WhatsApp como um instrumento para o processo de ensino e aprendizagem na disciplina de Filosofia, que vá ao encontro do contexto, dos interesses e das indagações contemporâneas do jovem adolescente do ensino básico, de forma que suscite nele a motivação para aprender a pensar filosoficamente.

A busca por uma compreensão acerca das possibilidades de uma aproximação pedagógica das TIC com a área de Filosofia decorre da nossa trajetória profissional como professor de Filosofia da Educação Básica que compreende a importância da reflexão e inclusão de novas metodologias na prática educativa. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é apresentar uma reflexão sobre as possibilidades de uma aproximação pedagógica do ensino da filosofia com o uso do WhatsApp como uma alternativa dinâmica e contemporânea de oferecer aos alunos a oportunidade de efetuar a problematização, trazendo as proposições clássicas dos grandes filósofos e provocando tensionamentos sobre elas, assim como despertar mais motivação e autonomia discente para o processo de ensino e aprendizagem.

No contexto dessa possibilidade no ensino contemporâneo, vale citar que, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), “o uso de ferramentas eletrônicas na educação tem sido cada vez mais importante e necessário”. (UNESCO, 2011, p.109). Desse modo, novas modalidades de ensino têm sido proporcionadas pela TIC, área que trouxe o espaço cibernético, a virtualidade e as interações sociais na rede e inseriu o ensino de Filosofia como uma oportunidade de despertar o interesse para o fazer filosófico.

Este novo momento no mundo, de rapidez da informação, das variadas formas de comunicação, de pessoas conectadas 24h por dia, exige um novo olhar do professor, se ele realmente quer fazer um trabalho interativo e dinâmico junto aos seus alunos.

Entendemos que os meios de comunicação tecnológicos já fazem parte do cotidiano dos estudantes, desta forma, enquanto professor que está sempre em busca de novas metodologias, novas formas de melhorar o processo de ensino e aprendizagem, alguém que está sempre buscando aprimorar a profissão escolhida deixando-a mais agradável, é que nos propomos a buscar novas formas de ensinar e aprender, e neste caso, aproveitando as potencialidades dos recursos tecnológicos informacionais para tal.

Nesta perspectiva e na intenção de aproveitar tais ferramentas que já temos à disposição é que nos propomos o uso do aplicativo móvel *WhatsApp*, principalmente pela facilidade de uso e de aquisição do mesmo, assim como, por ser muito popular entre os adolescentes e jovens.

Entendemos que o WhatsApp possibilita que a aprendizagem aconteça de forma mais atrativa e prazerosa criando novas possibilidades, uma vez que, não limitaríamos apenas ao contexto da sala de aula, de modo que de onde o aluno estiver, todos os conteúdos poderão ser acessados, comentados, curtidos e compartilhados. Como ponderam Moran, Masetto e Behrens (2014):

Com isso é possível pesquisar de todas as formas, utilizando todas as mídias, todas as fontes, todas as maneiras de interação. Pesquisar às vezes todos juntos, ou em pequenos grupos, ou mesmo individualmente. Pesquisar na escola ou em diversos espaços e tempos. Combinar pesquisa presencial e virtual. Relacionar os resultados compará-los, contextualiza-los, aprofundá-los, sintetiza-los. O conteúdo pode ser disponibilizado digitalmente (MORAM; MASETTO; BEHRENS, 2014, p. 31).

Uma das hipóteses que levantamos no início da aplicação do método é que a ferramenta possibilitaria o desenvolvimento da capacidade de argumentação, da discussão dos discentes, deixando as aulas de Filosofia mais dinâmicas e prazerosas. Confirmados após a verificação da funcionalidade da metodologia.

Ressaltamos ainda que apesar de tantas formas e métodos que possibilitam o processo de ensino e aprendizagem, o papel do professor como mediador, levantando e instigando possibilidades para que o mesmo ocorra de forma significativa é fundamental e indispensável, sem este, pode ser que haja dispersão com outras distrações que não necessariamente serão de ordem pedagógica. O professor neste sentido, é o mediador, o facilitador do conhecimento devendo com isto utilizar as TIC para incentivar os alunos a buscar novos conhecimentos e aprimorar a pesquisa, descobrindo novas formas de ensinar e aprender.

Entendemos que através da informatização e do processo evolutivo tecnológico a porcentagem de jovens e adolescentes que já usam o aparelho celular aumentou de forma significativa. Segundo dados divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), via Pnad – Pesquisa nacional por amostra de domicílios, a porcentagem de jovens e adolescentes entre 10 e 14 anos que fazem uso do celular gira em torno de 29% no Brasil, levando à conclusão de que cinco milhões de aparelhos móveis (celulares, smartphones), estão nas mãos destes que são os nossos alunos.

Assim, entendemos que, diferente da forma como tais aparelhos são vistos em outras circunstâncias, como um problema para os professores e para o espaço da sala de aula, julgamos como pertinente o uso dos mesmos como ferramentas pedagógicas, aproveitando de todas as suas potencialidades, como vemos discorrendo ao longo de nosso ensaio.

Entendemos que o mundo contemporâneo no contexto da globalização desde a revolução copernicana e o advento da técnica, assim como, as novas descobertas e inovações tecnológicas tem sido proporcionado pela revolução científica. O avanço da ciência e dos meios tecnológicos informacio-

nais tem levantados novos anseios e possibilidades, novas formas de interação social, novos desejos e angústias.

É neste contexto que o espaço escolar enquanto local de difusão e discussão holística dos distintos saberes precisa estar alerta a todas estas mudanças, assim como estar aberto a novas possibilidades e adequações diante dessa nova realidade, conseqüentemente saber desfrutar de tantos recursos disponíveis, entre estes, as TIC que tomadas junto ao plano de aula do professor, proporcionará um processo de ensino e aprendizagem mais prazeroso e inovador, e conseqüentemente conseguirá atender as demandas destes jovens que vieram ao mundo na era informacional. Conseqüentemente aliar o ensino de filosofia e as novas tecnologias.

Dentro destas possibilidades as TIC podem trazer para o espaço escolar novas provocações e formas de aprendizagens, principalmente com as chamadas tecnologias móveis, entre estas, smartphones e tablets, permitindo que a aprendizagem ocorra em diversos espaços, assim, entendemos como viáveis tais ferramentas para despertar nos alunos a vontade de ser um estudante pesquisador, incentivando-os a buscar novos conhecimentos e conseqüentemente proporcionar a estes novas formas de aprendizagens, contribuindo com isto para a autonomia criativa dos alunos.

Coadunando com esta ideia Costa (2007), pondera que os educadores devem, nesse sentido, desfrutar das possibilidades que o celular tem, e como tal passar a ser usado de forma significativa como um recurso pedagógico, uma vez que, o referido aparelho se faz presente numa maioria significativa da vida dos estudantes. Dentre outras possibilidades para este uso pedagógico teríamos, fotografar e compartilhar a aula via WhatsApp para que esta possa ser discutida ou consultada por todos a qualquer momento, uma vez que os alunos vivem com o celular na mão, nesse sentido, facilitaria a revisão de conteúdos e estudos.

Assim como, tirar fotos, gravar áudios ou vídeos contextualizando os estudos com o dia a dia. A exemplo do que fizemos em sala, pedindo para os alunos gravarem um áudio ou filmarem pequenas entrevistas deles mesmos com comentários do que foi apreendido durante a aula, havendo nesse sentido, uma reaprendizagem a partir destes vídeos que foram compartilhados via aplicativo para toda a turma possibilitando uma adequação da linguagem e uma reaprendizagem a partir da visão da turma como um todo.

Segundo Moran, Massetto e Behrens (2014), com a vinda desses novos recursos tecnológicos, o espaço escolar pode ser transformar em um local de debates ricos em conteúdo, conseqüentemente de aprendizagens significativas, de forma presencial e/ou digital, esse não é a questão, o importante é que o professor saiba usufruir de tais potencialidades, motivando seus alunos para que estes aprendam com autonomia e sejam atuantes.

Trazendo a discussão para o contexto do ensino de Filosofia, Gallo (2003), comenta que ao discutirmos o ensino de filosofia devemos ficar atentos ao próprio processo pedagógico e formativo que deve levar em consideração a tradição, mas sem esquecer a contextualização histórica e social, apontando as seguintes diretrizes para o processo de ensino e aprendizagem a) primeiramente devemos estar atentos ao filosofar como ato/processo, ou seja, os conteúdos devem ser ensinados, mas também deve-se ensinar o passo a passo para a produção filosófica. Assim, ensinar filosofia é ensinar o ato, mas também o processo de filosofar; b) devemos atentar tão logo que a história da filosofia não pode ser ignorada, pois para que os discentes filosofem é necessário que os mesmos conheçam a história da filosofia c) a terceira questão se refere à criatividade, uma vez que, ao ensinarmos a história da fi-

losofia se faz necessário a recusa, a negação e a ressignificação da mesma não absolutamente, porém de maneira que nos permita a possibilidade de pensar o novo.

Desse modo, faz-se necessário consolidar fundamentos para que se institua uma prática diferenciada do ensino de filosofia, que considere os sistemas de ensino atualmente utilizados e a experiência docente (sobre essa ciência) em conjunto com a análise e a produção de materiais didáticos para a filosofia nos ensinos fundamental e médio.

Frente ao exposto, podemos apreender a necessidade de estudos e pesquisas acerca da constituição de uma identidade pedagógica e formativa do ensino de Filosofia no cenário brasileiro, uma vez que sua composição como disciplina obrigatória na educação básica é recente e as diretrizes que norteiam o processo de ensino e aprendizagem e apontam para diferentes especificidades do fazer pedagógico.

Considerações finais

A partir das reflexões feitas pelos autores apresentadas neste trabalho, compreendemos que o uso das TIC é uma possibilidade para que o ensino de filosofia remeta ao uso das redes sociais midiatisadas como canal de comunicação entre os alunos e que se concretize a ideia de uma ágora virtual, conforme pressupõem Lemgruber e Torres (2010):

O computador/internet torna-se uma nova praça pública, que, através de seus diversos programas de relacionamentos, constitui-se num lugar comum para o embate de ideias, reflexões e exposição das diferentes opiniões (LEMGUEBER; TORRES, 2010, p. 03).

Vale ressaltar também, que entre as sugestões para o ensino de filosofia, a Unesco (2011), recomenda o uso do computador e da internet como ferramentas que podem ajudar na promoção da prática filosófica, bem como a criação de uma revista eletrônica na língua local.

Desse modo, entendemos que as TIC podem trazer novas perspectivas ao ensino de filosofia, uma vez que podem propiciar um espaço para a discussão filosófica, com características semelhantes as suas raízes gregas. Consideramos que os ambientes constitutivos da virtualidade podem sofrer comparação com outros lugares de mediação, participação, democracia e inclusão, a exemplo da ágora grega. A condição de professor exige um novo momento da educação escolar, em que as TIC poderão contribuir com o aluno e o professor como um instrumento para o diálogo, como um *locus* para o conhecimento científico e artístico, mas, especialmente, como “um ponto de partida para o saber, o encontro e a reflexão filosófica, que formam e transforma o homem” (TORRES, 2009, p. 9).

Um outro ponto que levantamos a partir destas observações é que o aplicativo possibilitou também o desenvolvimento da capacidade de fundamentação teórica argumentativa, proporcionando aos alunos a possibilidade de defesa de seus respectivos pontos de vistas. Alunos que a princípio nas aulas eram distantes, após o uso do aplicativo móvel *WhatsApp* passaram a ser mais participativos, percebemos então, que o uso do recurso enquanto ferramenta pedagógica acabou proporcionando uma maior interação entre os alunos, alguns em função de timidez e dificuldades em se por nos debates tiveram uma maior facilidade para se posicionarem com a mediação do aplicativo, assim entendemos que houve um desenvolvimento significativo do discurso argumentativo e pesquisador dos discentes em questão, tornando-se um importante aliado no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Filosofia.

The use of Whatsapp as a pedagogical resource for the development of the autonomous subject

ABSTRACT

The main issue to be considered in this essay is directly related to teaching and learning related to the discipline of Philosophy, which presents several issues that must be taken into account, such as: the new interests of students, the place of philosophy in the polis, verifiability of this as 'useful' and the disinterest of the student community by the discipline (CERLETTI, 2009). Faced with these questions, new methodologies have been researched in order to make the teaching process and learning more dynamic and interesting. The purpose of this essay is to evaluate the functionality of the WhatsApp as a methodological resource for the teaching of Philosophy through the Kantian perspective of contributing to the formation of autonomous thinking. In Kant's (1999) perspective, we have used the possibility of interlocution between the public and the private in this essay on the quest for autonomy. Therefore, we understand that Information and Communication Technologies - ICTs should enable the dialogue between the subjects that are involved in the teaching and learning process. . From our studies, we conclude that some resources present greater possibility of interaction and, consequently, greater potential to awaken students' autonomous thinking. In the current context, we can observe that adolescents and young people spend a lot of time connected to WhatsApp, for the purpose of exchanging video, images, music among other media. In this case, we can understand that WhatsApp is an attractive resource for the teaching and learning process and presents a functionality that is largely directed to the interaction between the subjects, that is, it presents the potentialities for a pedagogical work that allows the interlocution between the public and private, and thus an education for the formation of autonomous thinking. However, it is important to emphasize the importance of the teacher's role in the systematization and intentionality of the pedagogical actions with the use of the WhatsApp resource, since the fact that it was not developed for pedagogical purposes, it presents a limitation in the control of the dialogues between the subjects within a group, which may lead to dispersion of the subject and difficulty to follow the debate and reflection. However, we believe that WhatsApp presents the potentialities of a pedagogical resource for the teaching and learning process in philosophy classes, contributing to students' critical and autonomous thinking and motivation.

Keywords: Teaching. Philosophy. Whatsapp. Technologies.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de e OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** [online]. 2013, vol.94, n.236, pp.299-322. ISSN 2176-6681. <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-66812013000100015>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v94n236/15.pdf> acesso em: 14 de junho de 2017

BARROS, D.M.V.; HENRIQUES, S. Introdução. In: BARROS, D.M.V.et al. (Org). **Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas**. Intaead: Lisboa, 2011.

BELLUZZO, R. C. B.; FERRES, G.G. **Tecnologias e a formação de leitores: desafios na sociedade contemporânea**. Intaead: Lisboa, 2011.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União, Poder Legislativo**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03?leis?19394.htm>. Acesso em: 16 dez. 2015.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

COLÉGIO JOANA D'ARC. **Edmodo, a rede social da educação**. Disponível em: <http://www.colegiojoanadarc.com.br/edmodo>. Acesso em junho de 2017.

COSTA, Ivanilson. **Novas Tecnologias. Desafios e Perspectivas na Educação**. 1º Ed. Clube dos Autores 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: 2007. (Coleção Trans).

GELAMO, R.P. **O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de Filosofia?** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009).

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2010.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **História essencial da filosofia**. São Paulo: Universo dos Livros, 2009, v. 2.

GOULÃO, M. DE F. **Ensinar a aprender na sociedade do conhecimento: o que significa ser professor?** Intaead: Lisboa, 2011.

JANZ, B. **A filosofia como se o lugar importasse: a situação da filosofia africana**. In: CAREL, H.; GAMEZ, D. **Filosofia contemporânea em ação**. Porto Alegre: Artmed, 2004. P.105-116.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta:** Que é o esclarecimento? In: **Textos Seletos**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

KANT, Immanuel (1724 – 1804), **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2ª ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

KANT, Immanuel. **Textos seletos**. 2ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

KOLB, A.; ESTERBAUER, R.; RUCKENBAUER, H-W. (org.) **Ciberética:** responsabilidade em um mundo interligado pela rede digital. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LÉVY, P. **Filosofia World:** o mercado, o ciberespaço, a consciência. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

LEMGRUBER, M.S.; TORRES, L.T. O blog como ambiente de reflexão filosófica na escola: a nova ágora virtual. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTOS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 2010, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

MIRANDA, L.M. et al. **Redes sociais na aprendizagem**. In: BARROS, D.M. V. et al. Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas. Intaead: Lisboa, 2011.

MORAN, Manuel José; Masetto, Marcos T; Behrens Marilda Aparecida. In: **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 13º Ed. Campinas. Ed. Papirus, 2000.

MOREIRA, W. **Os colégios virtuais e a nova configuração da comunicação científica**. Ciência da Informação, Brasília, v.34, n.1, p. 57-63, jan./abr.2005.

NORADI, Paulo; SAUGO, Fernando. **Esclarecimento, educação e autonomia em Kant. Conjectura**, Rio Grande do Sul, v. 16, n.1, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/892/615>>. Acesso em: maio de 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante:** Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílian do Valle – 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE CURITIBA. **Cmap Tools - Mapas Conceituais**. Disponível em <http://www.diaadia.pr.gov.br/> Acesso em junho de 2017.

TORRES, L. **Ágora virtual:** novos rumos – primeiro ano do ensino médio. 11 mar. 2011. Disponível em: <http://agoravirtual2.blogspot.com.br>. Acesso em: outubro de 2014.

UNESCO. **La filosofía: una escuela de la libertad**. México, D.F.: Universidad Autónoma Metropolitana – Unidad Iztapalapa, 2011. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/ima>

ges/0019/001926/192689s.pdf;<http://www.ofmx./documentos/pdf/Filosofia_unaescueladelalibertad_UNESCO.pdf>. Acesso em março de 2015.

URSUA, n. 1. **La filosofía em el ciberespacio o el resurgir del fénix filosófico digital.** Um recorrido por el ciberespacio filosófico. Límite, v.1, n.14, p. 215- 237, 2006. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/836/83601410.pdf>. Acesso em: maio de 2015.

MINIBIOGRAFIA

Ângelo Rodrigo Bianchini

Possui graduação e mestrado em Informática e doutorado em Educação, com atuação nas áreas de Tecnologias da Educação e Psicologia da Educação I. Atualmente é professor Adjunto IV do Departamento de Educação II da Universidade Federal do Maranhão - UFMA e coordenador de gestão dos processos educacionais do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID/UFMA/CAPES. Professor do Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO/UFMA.

Ediel dos Anjos Araújo

Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (2017). Pós-Graduado em Filosofia Política pela UFMA (2011). Graduado em Filosofia pela UFMA (2008). Professor de Filosofia da Educação, Ética e Cidadania, pelo Curso de Extensão com acesso à Licenciatura Plena em Pedagogia-Cândido Mendes - MA FUNESO/IESM (2015). Professor de Teoria das Ciências Humanas e Filosofia Geral - Faculdade Santa Fé (2015). Professor de filosofia e Sociologia no Grupo Santa Fé - 2013 até a atualidade (Ens. Fundamental e Médio).